

Marta Fischer

Ética no uso de animais

em atividade científicas e acadêmicas


PUCPRESS

Volume

3

Marta Fischer

Ética no uso
de **animais**
em atividades científicas e acadêmicas

Volume

3


PUCPRESS

1ª edição | Curitiba 2017
1ª reimpressão | Curitiba 2018

© 2017, Marta Luciane Fischer
2017, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

1ª reimpressão: 2018

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná
(PUCPR)**

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-Reitor

Paulo Otávio Mussi Augusto

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Paula Cristina Trevilatto

Conselho Editorial

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Evelyn de Almeida Orlando

Jaime Ramos

Léo Peruzzo Júnior

Lorete Maria da S. Kotze

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

Zanei Ramos Barcellos

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Editor

Marcelo Manduca

Preparação de texto

Ísis C. D'Angelis

Revisão de texto

Amanda Rodrigues Soares

Ísis C. D'Angelis

Editora de arte

Solange Freitas de Melo Eschípio

Capa e projeto gráfico

Rafael Matta Carnasciali

Solange Freitas de Melo Eschípio

Diagramação

Rafael Matta Carnasciali

Solange Freitas de Melo Eschípio

Ilustrações

Estevan Gracia Gonçalves

Impressão

Reproset Indústria Gráfica

PUCPRESS | Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Ética no uso de animais em atividades científicas e acadêmicas / organizadora
Marta Luciane Fischer. – Curitiba : PUCPRESS, 2017.
E84 88 p. : il. ; 28 cm. – (Coleção ética em pesquisa ; v.3).
2017

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-68324-24-0

978-85-68324-23-3 (Coleção Ética em Pesquisa)

978-85-54945-17-6 (E-book)

978-85-54945-13-8 (Coleção Ética em Pesquisa e-book)

1. Bioética. 2. Experiência com animais - Aspectos morais e éticos.
I. Fischer, Marta. II. Série.

CDD 20. ed. – 174.9574



Prefácio

O homem, desde seus primórdios, teve na natureza seu principal referencial. Não apenas por sobrevivência ou proteção, mas para estabelecer uma convivência de integração com tudo que a compõe. Essa sempre foi sua vocação, uma atração inata para o entorno que o abraça e nutre - a natureza - sopro materno de vida. Independente da era a considerar, o ser humano sempre se apercebeu como sua extensão filial. Condição que compartilha com todos os demais viventes ali peregrinando, sejam flora ou fauna. Ali a vida se origina, se desenvolve e evolui. Todos irmãos nascidos da mesma mãe, com os mesmos princípios de vida. Não há, nem pode haver portanto, nem senhor, nem escravo, nesse meio. Nem bonito, nem feio. É um ecossistema planetário, o qual, apesar de todas as peculiaridades, é único e familiar.

Por outro lado, como está comprovado a partir de Charles Darwin, o compartilhamento entre o ser humano e as diferentes espécies que compõem esse universo, não se limita apenas a aspectos físicos. Aí está o ponto. Embora a observação e convivência já o indicassem há muito, diversas áreas da ciência moderna

comprovam, de maneira irrefutável, que essa interação é muito mais ampla, alcançando o mundo da consciência e das emoções, da dor e do sofrimento. Isto nos obriga a uma séria reflexão moral e a um permanente monitoramento sobre o alcance do direito de causar sofrimento e a obrigação de evita-lo a qualquer custo. Essa condição real nos impõe, como dever intransferível, uma vigilância permanente quanto a adoção de uma postura ética severa, em todos os momentos e em todos os níveis, sempre que se configura uma relação de interesse entre o homem e qualquer outro ente da natureza. Postura hoje embasada em sólidos posicionamentos filosóficos, científicos, religiosos e sociais. Em especial, quando se entra no campo relacionado com o manuseio de animais, cuja presença e participação na evolução histórica, social e científica do homem foi decisiva.

Uma vez aceito esse contexto, torna-se mandante que o homem, o ser mais evoluído desse ambiente, não se permita sob qualquer hipótese, uma conduta que possa contradizer ou desrespeitar os cânones que norteiam esta relação bilateral entre o ser humano e o ser animal em todos os níveis e situações, sob risco de interromper o curso natural da sua existência, dentro do seu ecossistema.

Por isso a obra chega num momento importante da discussão que se trava no país, com foco no uso de animais na pesquisa científica. Nela, discute-se de maneira clara, abrangente, corajosa e imparcial um dos assuntos mais candentes e polêmicos da atualidade, apontando caminhos e iluminando uma das áreas mais polêmicas no mundo científico e acadêmico do país.

Prof. Waldemiro Gremski

Biólogo e Reitor da PUCPR



Introdução à ética no uso de animais em atividades científicas e acadêmicas

Ementa:

Contextualização da relação homem/animal sob os aspectos social, ético, científico e legal. Orientação para planejamento, execução e análise de pesquisas científicas e conduta com relação ao uso de animais em aulas práticas.

Objetivos:

- Promover a reflexão sobre os motivos pelos quais se deve ser ético com relação aos animais e habilitar o estudante a planejar, executar e analisar sua pesquisa científica, bem como sua conduta em aulas práticas com animais, para que seja capaz de tomar atitudes condizentes com as demandas éticas e legais.
- Possibilitar que o estudante reconheça quando é necessário refletir sobre suas condutas com relação ao uso de animais, na pesquisa e em aulas, e que compreenda por que é necessário balizar eticamente e legalmente suas decisões.
- Oportunizar ao estudante a compreensão do papel da Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) na condução de sua pesquisa.
- Proporcionar ao estudante o conhecimento de novas concepções éticas e legais no uso de animais, para atividades acadêmicas, e a compreensão do papel de cada ator e das suas condutas nessa atividade.

Sumário

1. Introdução: a ética no uso de animais	9
1.1 Contextualização evolutiva, histórica, social e cultural da relação homem–animal	9
1.2 Contextualização do uso de animais.....	12
1.2.1 Uso dos animais nos meios científico e acadêmico	14
2. Por que é necessário ser ético com os animais?	21
2.1 Correntes éticas.....	23
2.2 Senciência animal	25
2.3 Bem-estar animal.....	28
3. Legislação	33
3.1 Normatizações internacionais.....	34
3.1.1 Princípio dos 3 Rs (Três Erres)	34
3.1.2 Métodos alternativos	36
3.1.3 Enriquecimento ambiental	37
3.2 Normatizações nacionais.....	38
3.2.1 Lei Federal n. 9.605/1998 (Lei de Crimes Ambientais)	38
3.2.2 Lei n. 11.974/2008 (Lei Arouca)	39
3.2.3 Sociedade Brasileira de Ciência em Animais de Laboratório (SBCAL)	39
3.2.4 Conselho Nacional de Controle de Experimentação animal (CONCEA).....	40
3.2.5 Cadastro das Instituições de Uso Científico de Animais (CIUCA)	40
3.2.6 Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA)	41
3.3 Estudo de caso	42

4. Pesquisando os animais	45
4.1 Planejamento da pesquisa.....	45
4.2 Execução da pesquisa	57
4.3 Análise dos dados e divulgação da pesquisa.....	61
5. Estudando os animais	65
5.1 Questões éticas envolvidas no uso de animais em aulas práticas	66
5.2 Condutas esperadas de docentes, discentes e colaboradores no uso de animais para atividades acadêmicas	68
5.2.1 Objeção de consciência	69
5.3 Estudo de caso.....	72
6. Considerações finais	75
Bibliografia consultada	77
Sobre a autora	87



1. INTRODUÇÃO: A ÉTICA NO USO DE ANIMAIS

1.1 Contextualização evolutiva, histórica, social e cultural da relação homem-animal

O primeiro passo para assimilar por que é necessário ser eticamente correto com os animais é compreendermos que o ser humano apresentou, desde a sua origem — há cerca de 200 mil anos — até o advento da agricultura — há cerca de 14 mil anos —, uma relação natural e ecológica com a natureza. Segundo a teoria de [Desmond Morris](#)¹, o ser humano de então havia estabelecido com as outras espécies um tipo de [contrato natural](#)² — ou melhor, um contrato animal, como denominado pelo autor —, no qual haveria a regra implícita de se respeitar o tempo e o espaço de todos os seres vivos, para que tivessem as mesmas chances de sobrevivência, reprodução e evolução.

Na natureza, as espécies estão intrinsecamente associadas umas com as outras. Há relações de [predação, parasitismo, comensalismo e simbiose](#)³. Mesmo sendo natural uma espécie utilizar-se de outra para sua própria sobrevivência, deve-se considerar que, por menor que seja, normalmente há uma chance de a presa escapar do predador. A partir do momento que os seres humanos criaram suas armas de caça — e depois as desenvolveram como armas de guerra — e a partir do momento que passaram a dominar as técnicas de criação, reprodução e seleção de espécies, por meio do [advento da agricultura](#)⁴, passaram a interferir de forma artificial na natureza. Com isso,

o rápido avanço tecnológico causou um enorme impacto sobre a natureza. Há cerca de 3.000 anos, surgiram as primeiras cidades; há cerca de 200 anos, ocorreu a Revolução Científica; há cerca de 100 anos, a Revolução Industrial; e apenas há poucas décadas, a inovação tecnológica que propiciou a ida ao espaço, a decodificação genética e a nanotecnologia. Toda a história da civilização contou com a participação de animais, de diversas maneiras, como na tração de veículos, na geração de energia, na produção de alimentos e vestimentas, além do hábito da companhia. A despeito disso e da própria origem animal do homem, em termos evolutivos, a valoração dos animais como objetos distanciou o homem de seus parentes animais, a ponto de ele se sentir no direito de decidir pelas vidas daqueles e pelos papéis que eles devem desempenhar em sua própria sociedade (Figura 1).

O ser humano utiliza animais com diferentes finalidades. Em todas as situações, por mais nobre que sejam suas condutas, há questões éticas envolvidas quando o animal é subjugado e tratado como objeto, ou seja, apenas um recurso para aten-

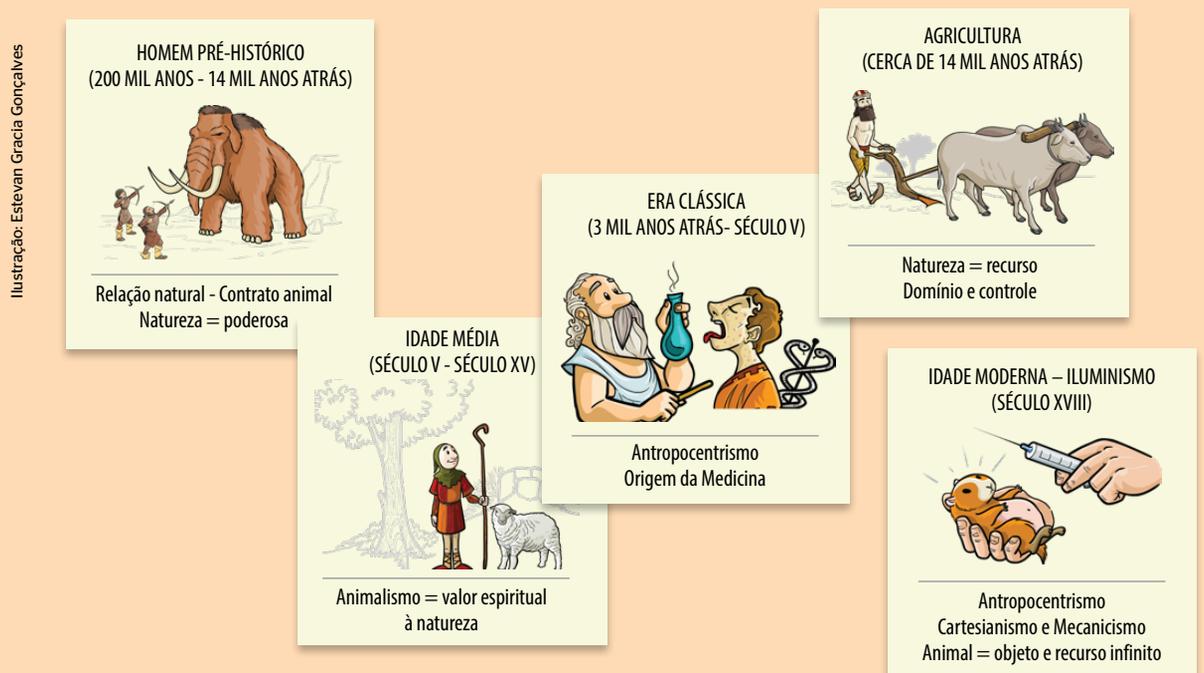


Figura 1: Principais etapas de desenvolvimento da humanidade e sua relação com os animais, balizadas pelas principais correntes éticas

der as necessidades humanas. O incômodo gerado pela forma como os homens passaram a tratar os animais para cumprir suas atividades levou à exigência de posturas morais embasadas em posicionamentos filosóficos, religiosos, científicos e sociais. Embora Immanuel Kant (1724-1804) tenha postulado que o **Princípio da Autonomia**⁵ delega ao homem o direito universal à posse e ao usufruto dos animais, deve-se considerar a ampla relação do homem com espécies silvestres, aquáticas, exóticas, domésticas, sinantrópicas, de companhia, de laboratório, comestíveis, venenosas, perigosas e pragas, cujo valor desencadeia percepções científicas, filosóficas, legais, emotivas, românticas, artísticas, religiosas ou médicas. Assim, formam-se grupos que compartilham visões e convicções, balizando movimentos ideológicos com posturas mais ou menos radicais, como os protecionistas, os utilitaristas permissivos, os utilitaristas restritivos e os abolicionistas, visando refletir sobre a multiplicidade de inter-relações envolvidas na experimentação, na vivissecção, no tráfico, na tutela responsável, no controle de pragas, no consumo de carne, no vestuário,

ANTROPOCENTRISMO

Antigos pensadores e cientistas

Ênfase na posse da razão como critério para ingresso na comunidade moral, na condição de sujeito de direitos morais.

SENCIOTRISMO

Ênfase na sciência como parâmetro para ingresso na comunidade dos seres dignos de consideração moral.

BIOCENETRISMO

Paul Taylor

Não privilegia nem a racionalidade nem a sensibilidade mental ao definir quem são os sujeitos morais, mas sim o bem-próprio, considerado um valor inerente à vida, algo que a ética deve preservar.

UTILITARISMO

Jeremy Benthan e Piter Singer

Ênfase na igualdade de interesses e na utilidade. Admite como moralmente aceitável o abate de alguns animais, desde que seja feito de forma súbita e sem dor.

ABOLICIONISMO

Tom Regam e Francione

Ênfase no livre arbítrio dos animais; afirma que eles são sujeitos morais e têm direitos morais. É totalmente contra qualquer utilização deles. O abate deve ser interdito, pois frustra expectativas de futuro.

BEMESTARISMO

Baseado no Princípio dos 3 Rs, visa à promoção de alto grau de bem-estar para animais mantidos cativos pelo homem, cuja finalidade possua justificativa. Adotada por agricultores e cientistas, apoia-se em pesquisas para reconhecimento e promoção de bem-estar e as incentiva.

ECOCENETRISMO

Aldo Leopold e Leonardo Boff

Não dá valor à vida individual, mas sim ao ecossistema, a biótipos e paisagens cuja proteção vai contra o próprio homem, independentemente dos interesses econômicos, estéticos ou científicos.

na produção industrial, na companhia, no entretenimento, no trabalho, nos rituais religiosos, na zooterapia e na zoofilia. Ao mesmo tempo, é proporcionada uma reflexão sobre o status moral e o direito dos animais, bem como sobre as responsabilidades éticas, morais e legais de cada cidadão.

1.2 Contextualização do uso de animais

Dentre as inúmeras formas de utilização de animais pelas sociedades humanas, algumas devem ser destacadas:

a) Produção para alimentação e manufaturas de roupas ou acessórios⁶.

As questões éticas da alimentação não levam em consideração apenas se é certo ou errado ingerir animais, mas todo sofrimento e crueldade envolvidos na forma de criação, transporte e abate. No caso das roupas e dos acessórios produzidos com peles curtidas e outras partes de animais, um dia essenciais para nossa sobrevivência, diante da tecnologia de produção hoje existente, encontram-se vinculadas ao supérfluo e à exposição de um *status* social. A existência de alternativas faz com que o abate desnecessário de animais relacionado à indumentária seja cada vez menos tolerado pela sociedade.

b) Prestação de serviços e geração de força e trabalho⁶

No início, os animais foram fundamentais no auxílio às atividades humanas de sobrevivência, como a proteção do clã, a caça, a pesca e, mais tarde, com o advento da pecuária, o pastoreio. Em muitas comunidades tradicionais, essa relação de dependência ainda hoje é mantida. Já nos grandes centros urbanos, os animais servem ao homem na segurança, no auxílio a pessoas com deficiências físicas e na zooterapia, para tratamento de problemas físicos e mentais.

c) Entretenimento⁶

Há milênios os animais são explorados visando à diversão dos seres humanos. As atividades relacionadas ao entretenimento invariavelmente geram algum grau de sofrimento animal. Envolvem desde a utilização

de animais em *shows* de circo, parques aquáticos, atividades de turismo e programas de TV até a manutenção de animais selvagens⁶ em zoológicos, para exposição ao público.

d) Companhia⁶

Embora boa parte dos seres humanos afirmem gostar da companhia de animais e teorias, como a da Biofilia de Edward Wilson⁷, defendam a visão de que as pessoas precisam do contato com a natureza para serem saudáveis, questões relacionadas a criação de raças, humanização e abandono de animais domésticos e tráfico de animais silvestres permeiam o universo pet. Além disso, interesses econômicos motivam as pessoas a terem animais como objeto de desejo.

e) Experimentação⁶ e utilização de animais em aulas.

O uso indiscriminado de animais para experiências cruéis e hoje desnecessárias conduziram a uma ampla reflexão, que culminou na elaboração de rígidas normas de conduta. Essas normas consideram ser não apenas eticamente corretas, mas também ilegais as práticas que venham a causar sofrimento aos animais ou que os utilizem em atividades acadêmicas para as quais já existem alternativas.



Dicas

Visite o site do **WSPA**, uma ONG internacional de proteção animal, o qual disponibiliza materiais didáticos e informativos sobre o tema:
<<http://www.worldanimalprotection.org.br>>

Acesse também o **blog Etologia no Dia a Dia**, o qual apresenta ensaios de pesquisadores e acadêmicos que discorrem a respeito da forma como as sociedades contemporâneas têm se relacionado com os animais:
<<http://etologia-no-dia-a-dia.blogspot.com.br>>.

1.2.1 Uso dos animais nos meios científico e acadêmico

O uso dos animais no meio científico iniciou-se na **Era Clássica**. Os filósofos gregos costumavam estudar a anatomia de animais mortos visando compará-la à dos seres humanos – essa foi a base da medicina comparativa. Porém, com o passar do tempo, o estudo de animais mortos já não era suficiente, fazendo-se necessário o estudo do funcionamento dos órgãos e sistemas em animais vivos, por meio de cirurgias, a princípio sem anestésias. Logo em seguida, durante a **Era Medieval**, houve o retorno à visão da natureza como sendo dotada de consciência, num período em que prevaleceu a magia. Em muitos lugares, era atribuída total consciência aos animais, os quais eram responsabilizados pelos seus atos, inclusive julgados, com direito a um júri, tal como conhecemos atualmente para os humanos⁸ (Figura 1).



Dicas

Assista ao filme *Entre a luz e as trevas* (*The hour of the pig* – Reino Unido/França, 1993), cuja trama apresenta o julgamento de um porco na Idade Média.

Com o **Iluminismo**, a **Revolução Científica** e o **pensamento cartesiano**, as verdades passaram a ser aceitas somente se fossem provadas cientificamente, por meio de testes de **hipóteses** e do desenvolvimento gradual do método científico de análise. Nesse contexto, os animais passaram a ser utilizados como **modelos** para testes de estímulos, drogas e produtos. Apesar da compaixão manifestada por algumas poucas pessoas, que percebiam a existência do sofrimento animal, a maioria tinha uma percepção **mecanicista** da natureza, a qual considerava que os animais, embora capazes de reagir a estímulos aversivos, eram incapazes de sentir dor, pois não passavam de máquinas complexas. Essa cômoda postura prevaleceu por séculos. Ainda que os animais não sejam mais vistos como meras máquinas, a não valoração de seu sofrimento no mesmo nível do sofrimento humano constitui

uma forma um tanto conveniente de amenizar qualquer culpa e endossar a maneira como muitos experimentos são até hoje realizados⁸.

A **teoria da evolução das espécies**, de Charles **Darwin**, e seus desdobramentos trouxeram uma nova perspectiva da relação do homem com os demais seres vivos, a qual defende a concepção de que ele compartilha com outras espécies animais não apenas características físicas, mas também emocionais e de consciência. A partir de então, o avanço no **estudo dos receptores da dor** e do **mecanismo da consciência**, por meio da utilização de modelos animais, bem como a invenção de equipamentos mais precisos, evidenciaram cada vez mais sua origem comum no homem e em **animais não humanos**. Daí a inevitável reflexão que se segue: se o ser humano evita o sofrimento por ter consciência de que é algo ruim, não seria também imoral causar sofrimento a qualquer outro ser que compartilhe a capacidade de sentir? É inegável que muitas descobertas fundamentais que levaram ao avanço científico em áreas como a fisiologia são resultados desses estudos. No entanto, não podemos fechar os olhos para os abusos que foram cometidos em séculos de pesquisa científica envolvendo animais. Assim, é imperativo refletir sobre os limites aceitáveis para a utilização deles em atividades acadêmicas e científicas^{9,10}.

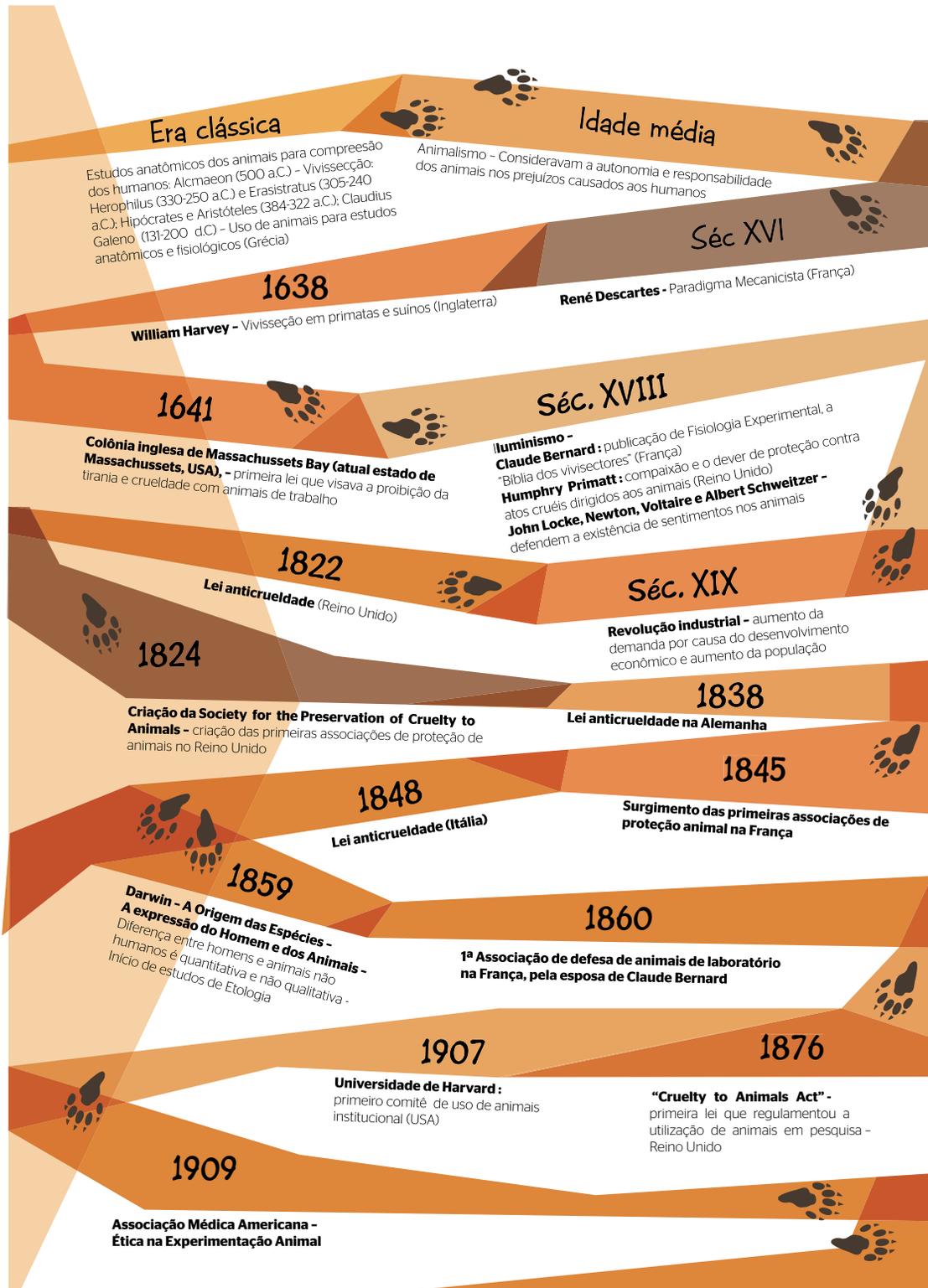


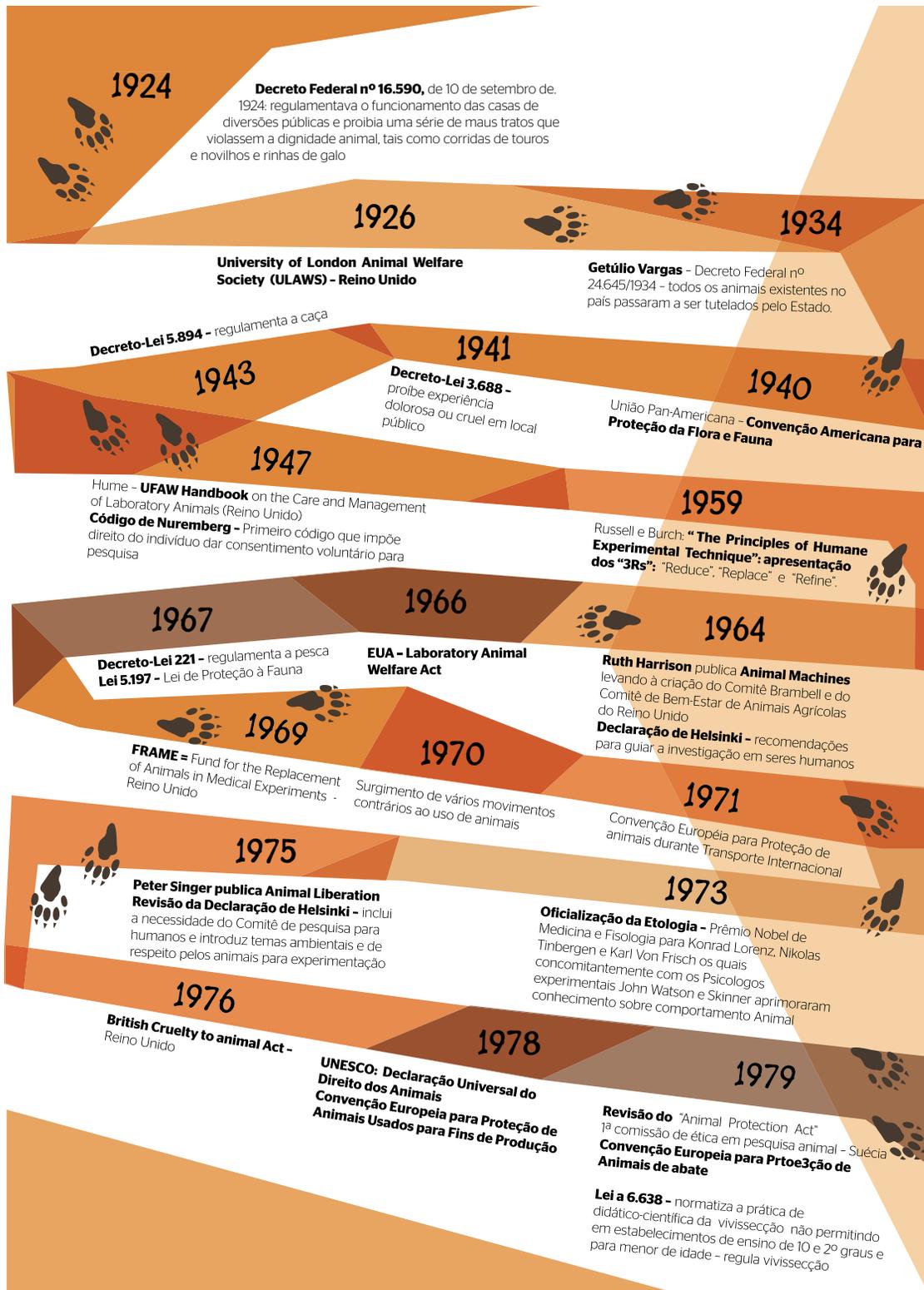
Dicas

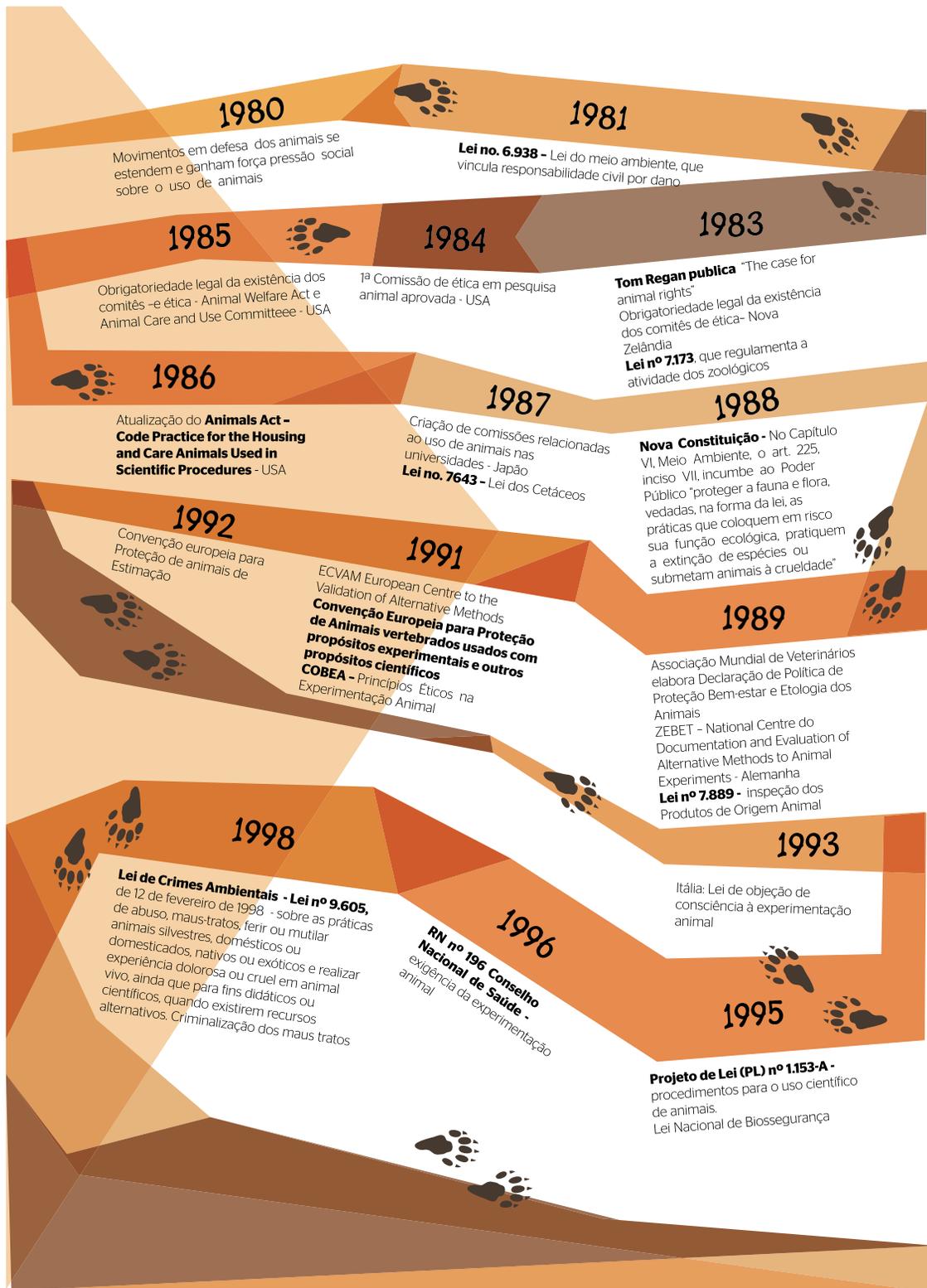
Leia o artigo de Fischer e Oliveira⁸ intitulado **“Ética no uso de animais: a experiência do Comitê de Ética no Uso de Animais da Pontifícia Universidade Católica do Paraná”**, que apresenta um levantamento histórico da experimentação animal. O texto lhe permitirá compreender o desenvolvimento dessa ciência e diferenciar *experimentação animal* de *visisseção*.

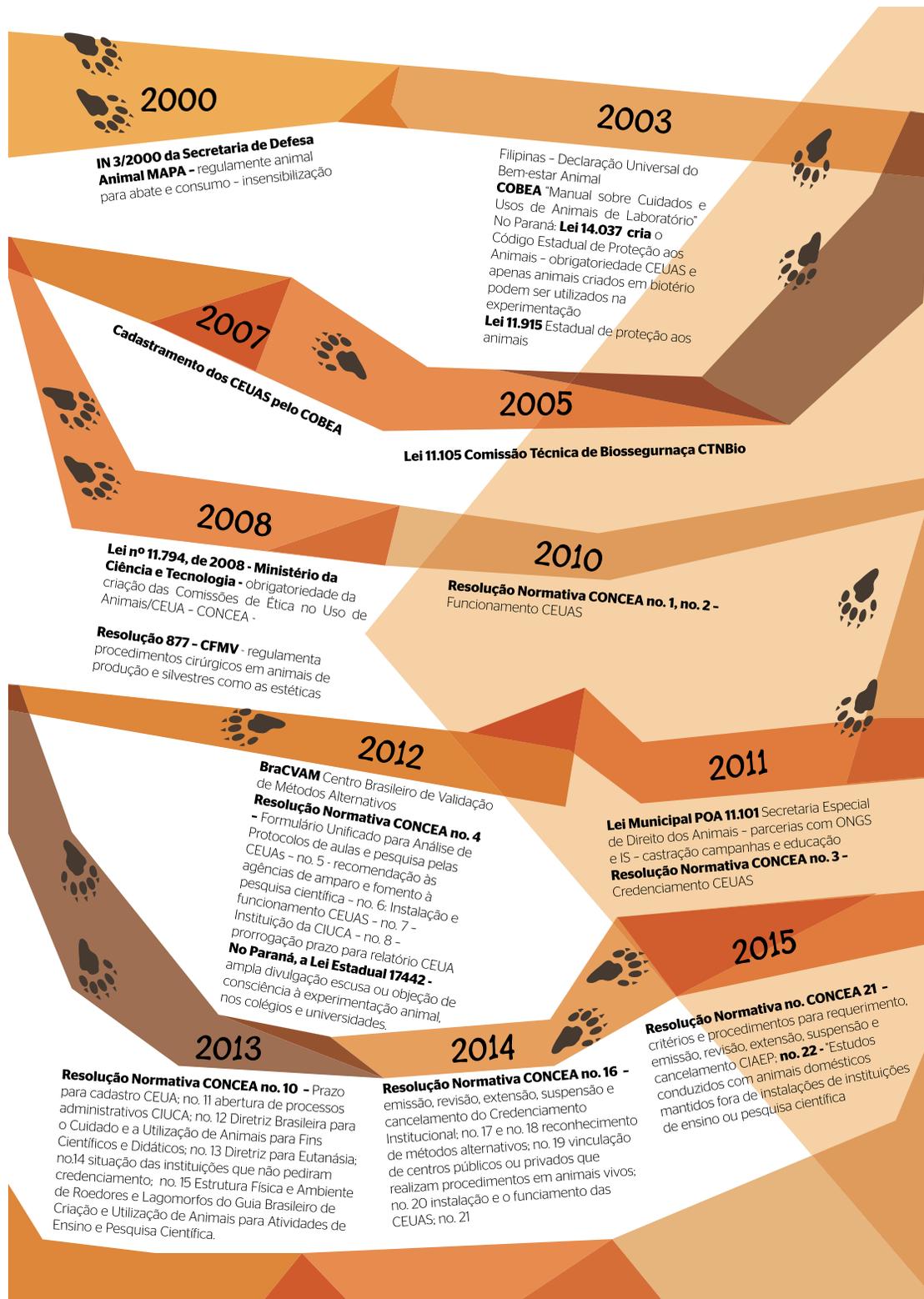
Os principais eventos históricos de experimentação animal estão dispostos na *timeline* a seguir.

Timeline: Principais eventos históricos, nos panoramas mundial e nacional, associados à normatização do convívio e da utilização de animais por seres humanos.









Fontes: 26, 30-43.

